



O último senhor dos CHAPEUS

por Orlando Santos



Chapelaria Porto

Rua Senador Pompeu, 114, loja 3,
sobrado, Centro, Rio de Janeiro, RJ
Tel: (21) 2253-9605

Quando o Sesc-Rio lançou o livro/documento sobre o comércio da cidade do Rio de Janeiro, registrando pessoas que ao longo de mais de um século enriqueceram a história da Cidade Maravilhosa, nada menos que quatro páginas foram dedicadas à Chapelaria Porto, fundada em 1880, pela família Damaso.

Histórias do Rio antigo ainda são lembradas por Almir Romão Damaso (foto ao lado), 69 anos, terceiro de uma linhagem de comerciantes de chapéus. Ele continua a tradição familiar, utilizando as ferramentas de trabalho utilizadas desde o início do século XIX, que herdou do tio-avô português, para modelar chapéus – em especial o panamá.

Num velho sobrado na zona portuária carioca, próximo à antiga sede da Chapelaria Porto (que depois do incêndio virou estacionamento), Almir Damaso, em uma pequena sala, recebe clientes fiéis e anota pedidos por telefone.

Depois de atender a famosos como Tom Jobim, Paulinho da Viola, Monarco, Jamelão, entre outros personagens conhecidos por seus chapéus, ele lamenta que o mercado artesanal de chapéus tenha entrado em rota de extinção. Ele, que já teve muitos concorrentes, é hoje considerado o único chapeleiro da cidade! E faz tudo sozinho: fabrica, lava e reforma qualquer modelo de chapéu, de palha ou de tecido.

Nas boas épocas, parte da sociedade e da malandragem carioca fazia chapéus somente com Almir. Hoje, entre os clientes escassos estão as produtoras de modas, cinema e TV e alguns aficionados por chapéus.

Criando moda

O modelo do chapéu do Zé Kéti foi também outra criação do pai de Almir. “As pessoas passaram a vir à loja para comprar um chapéu igual ao do Zé Kéti.” Quase todo o mundo do samba frequentava a chapelaria: Paulinho da Viola, Cartola, Martinho da Vila, Mano Décio, Jamelão.

Nos anos 1970, o comércio de chapéus entrou em decadência. O negócio da família só sobrevive graças à persistência e determinação de Almir, que faz suas criações exclusivas numa pequena sala, espremida entre outras, no citado velho sobrado da rua Senador Pompeu.

Com um filho engenheiro da Petrobras e a filha trabalhando no ramo de festas de aniversário, Almir não vê continuidade na tradição familiar. Não acredita na retomada desse mercado, apesar das novas novelas, em especial as da Globo, terem sempre personagens que usam chapéus – embora o apresentador Jô Soares exiba orgu-



Um dos tradicionais clientes da loja, experimentando seu novo chapéu.

lhoso os seus chapéus, comprados em lojas de grife, a preços bem mais caros dos que os vendidos por Almir.

Damaso, que sobrevive de seus chapéus e da aposentadoria de terceirizado do Banco Central, muitas vezes recorre a este dinheiro para cobrir as despesas da loja. A filha e uma sobrinha demonstram interesse em continuar apostando naquilo que durante muitos anos foi a grande referência da família. Quem viver verá. ■

Raízes lusas

A HISTÓRIA DA FAMÍLIA Damaso no comércio de

chapéus remonta a Portugal, onde o tio-avô e o pai de Almir, Moisés Romão Damaso, trabalhavam em fábricas desse ramo. Ao vir para o Brasil, em 1920, Moisés foi trabalhar na J. Almeida, uma grande fábrica na rua do Ouvidor, onde permaneceu até 1927. Foi quando o tio-avô de Almir, que em 1880 havia fundado a Chapelaria Porto no Rio, exclusivamente dedicado ao universo masculino, ofereceu o estabelecimento para o pai de Almir tomar conta.

Com o pai à frente do negócio, Almir frequentava muito a chapelaria quando menino, limpando as prateleiras, escovando os chapéus, indo ao banco pagar contas, fazendo o que era necessário. Só não imaginava que, muito tempo depois, ele daria continuidade a um negócio



Foto da loja, em 1932, com Moisés Romão Damaso, o ajudante Pedro e as costureiras Laura e Alice.

e à família que está quase completando 130 anos.

Almir lembra que durante muito tempo o chamado ‘chapéu colado’, feito de palha de carnaúba e um pano escolhido pelo cliente, foi uma das principais fontes de renda de seu negócio. O chapéu de feltro era

mais social e o panamá, o preferido dos malandros. “Tinha também o ‘nariz de ferro’, uma criação de meu pai: com uma aba larga, copa alta... na frente era bicudo e atrás bem cavado. Era o favorito dos malandros da Lapa, da Praça Mauá e do pessoal do subúrbio”, relembra.